

Sempre tive heróis. Nem sempre os mesmos, que a vergonha (e ela só) não me deixa continuar um incondicional do major de aviação Jaime Eduardo de Cook e Alvega. A rapidez com que os meus ídolos da bola trocam a camisola azul e branca por outras de desvairadas cores desaconselhou-me de buscar heróis para os lados das Antas. Mais velho, mais cínico e supostamente mais sábio nas coisas da vida, dei em baixar a fasquia da exigência para colocar alguém nos meus altares; e mudei de critérios. Hoje os meus heróis são gente igual a mim, com os mesmos defeitos e as mesmas (presumidas) virtudes. Se quiserem, com alguns defeitos a menos e umas poucas virtudes a mais. Dito de um terceiro modo, gente como eu - mas com piada.

Um dos maiores desapareceu há pouco. Chamava-se Fernando Assis Pacheco, vimo-nos uma única vez, mas quando li no jornal que ele se apagara tranquilamente, ao sair de uma livraria, bem disposto, depois de ter comprado um montão de livros, foi como se perdesse um familiar chegado ou um dos mais queridos amigos.

Como muitos da minha geração ou mais velhos, conheci o Assis Pacheco num memorável concurso da TV, "A Visita da Cornélia". Era o tempo em que um programa podia ser campeão de audiências e divertir, tendo ao mesmo tempo qualidade e nível cultural - ainda não havia Teresas Guilhermes, Joões Baiões, Emídeos Rangeis e, parafraseando Eugénio de Andrade (que falava de generais), "outras coisas assim para estrumar os campos". O Assis Pacheco enchia o écran de imaginação, de humor, de ternura. Foi por isso com indisfarçado orgulho que aceitei o convite do meu amigo António Campos para 'produzir' um livro de poesias do Assis. O António Campos era conhecido, entre outras coisas, por estar ligado a um mítico e saudoso restaurante de

Matosinhos, a *Farmácia Campos*, e por dirigir, com ideias geniais e nenhuma competência, a curiosíssima cooperativa 'cultural' chamada "Erva Daninha". Aí nos conhecemos, e aí lhe terá chegado ao conhecimento que eu tinha alguma mão para essas coisas de maquetar textos. Pura verdade. Dera os meus primeiros passos a desenhar programas associativos, sob o olhar conhecedor e exigente do Jorge Fiel, e podia exibir no meu *port-folio* alguns números de boa qualidade do nosso boletim da Associação, o "Pontos nos ii's". Então disse ao Campos o que era para fazer. O Assis Pacheco, explicou-me ele, escrevia umas poesiasitas. Coisa pouca, edição do autor, 50 de cada, para mandar aos amigos, no Natal, sabes como é... Eu ofereci-me para juntar três ou quatro desses folhetos e fazer uma edição mais digna, aqui pela "Erva Daninha", tu fazias a maquetagem, tens jeito...

Tinha jeito, fiz a maquetagem, saiu um livro muito bonito. Os méritos, há que dizê-lo, cabem no essencial ao autor, um dos meus poetas de culto, e ao Campos, que seleccionou as capas cinza e o bonito papel beije do interior numa época em que as escolhas gráficas eram reduzidas. Este vosso criado limitou-se a bater os poemas e os títulos, a dispô-los o melhor que soube pelo papel, a paginar, a rever as provas - enfim, quase todas.

Um dia soube que o Assis Pacheco vinha ao Porto, em trabalho, e queria conhecer-me. Pesquei-o em Campanhã e levei-o ao Hotel Paris, na Rua da Fábrica, massacrou a cabeça ao dono - queria ficar "no quarto do piano", não sabia mais nada, mas na redacção d'"O Jornal" todos lhe recomendaram aquele quarto. Garantida a reivindicação, quis beber. Qualquer coisa, de um espumoso fresco a um uísque, tanto se lhe dava. "Temos sede", bradava! Já de copo na mão, enfronhou-se com o recepcionista do Hotel Paris num

tema que o apaixonava: a colónia galega em Portugal, quem eram, quantos sobravam, onde paravam no Porto. Chegámos por fim ao seu livro. Adorara, nunca tivera um livro *assim, daqueles, livro mesmo*. Dois reparos, não lhos levasse eu a mal: o primeiro, é que não tinha nome na lombada. E os amigos gozavam: um livro sem nome na lombada nem é bem livro, os gajos do Porto levaram-te. Que nada, protestei eu, o livro é fininho, 5 mm, a lombada impressa ficava ridícula, é mais bonito assim. A segunda reclamação colhia: não pude ver a paginação final, pelo que não reparei que a tipografia colocara erradamente na página da esquerda, deixando a da direita em branco, o título de um dos opúsculos que a colectânea reunia: "Cinco poemas postos no correio para o Arauto de Osselôa onde afinal não se fala apenas da morte, esse mau passo" (3 977). Balbuciei umas desculpas tontas, já o Assis Pacheco, às gargalhadas, rabiscava, num dos 500 exemplares da 'industrial' tiragem, uma rápida dedicatória ("Para o Luís Miguel do "Dominguín" F. Assis Pacheco/Porto, I8.XII.80") e me sondava, inquieto: "Ainda fazem aquele soberbo arroz de bacalhau, no Vitorino?". "Fazem pois! Vamos jantar!"

Já não fazem esse arroz de bacalhau, já não há o Vitorino, também para quê?, se já não está por aí o Assis Pacheco para o apreciar? Se já não está o homem que escreveu: "essa noite é que o miúdo pensava na brevidade de tudo isto", a quem posso eu contar que não há noite, nem dia, em que este 'miúdo' não pense na brevidade de tudo isto? Ficou a amargura de milhares de conversas que queria ter tido com ele e não tive, o seu riso, a sua profundíssima tristeza, ficou-me o livro que maquetei, o *meu* livro: "Memórias do Contencioso e outros poemas" (Porto, Erva Daninha. 1980). E um ou outro verso que cito de cor. Como

este: "...que isto ao menos levo : copos, e esses amigos
amargos desfeitos na barra: achas que salvo algum?"

Luís Miguel Duarte